

Os Paiter Suruí: do arco e flechas ao uso das tecnologias do século XXI¹

Zeus Moreno Romero
Universidade Estadual de Maringá

1. Introdução

Hoje em dia muitas pessoas ainda associam os indígenas a um povo primitivo que ficou parado no tempo. Para romper esse preconceito tão difundido, este artigo mostra como um povo originário da América do Sul, os Paiter Suruí, se encontra na vanguarda do uso de tecnologias do século XXI. Mediante a essas ferramentas, esses indígenas tornaram-se porta-estandartes da causa ambientalista, defendendo sua cultura e seu habitat ancestral, a floresta amazônica. Enquanto a maioria dos governos sul-americanos priorizam políticas de desenvolvimento que perpetuam a pilhagem constante de matérias-primas, os Paiter Suruí apostam por um desenvolvimento sustentável em seu território.

O movimento ambientalista expandiu-se fortemente no Brasil a partir de 1992, com a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Eco 92, que aconteceu no Rio de Janeiro. Vinte anos depois, em junho de 2012, voltou-se a celebrar no Rio de Janeiro a Conferência de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas, "Rio+20". Nesta Conferência chegou-se a um acordo de mínimos, entre 193 países, denominado "O futuro que queremos". Porém, nesse acordo houve algumas discordâncias com relação a temas como: a definição de economia verde, a racionalização dos recursos energéticos, o direito à água e os direitos reprodutivos. Dos discursos proferidos pelos líderes mundiais, destaca-se o do presidente do Uruguai, José Mujica, que abordou um tema polêmico, que os grandes líderes mundiais normalmente não gostam de ouvir², sobre a relação da sociedade do consumo com a destruição do meio ambiente. O povo Paiter Suruí também participou dessa Conferência expondo sua experiência sobre o desenvolvimento sustentável, aportando assim sua gota de água num mar de luta ambientalista.

¹ . Essa pesquisa faz parte do meu projeto de mestrado de pós-graduação em História da Universidade Estadual de Maringá.

² Discurso de Pepe Mujica no Rio+20 disponível em:
<http://www.youtube.com/watch?v=zsOGZKRVqHQ> Acessado 2 Jul. 2013.

A nova geração dos Paiter Suruí, atualmente na liderança, conseguiu mudar o rumo do seu povo, após duras lutas pela posse da terra na década de 1980. Deixando de ser uma comunidade marginalizada e evocada a desaparecer, esses novos líderes, aliados com os setores ambientalistas e indigenistas, tanto brasileiros como internacionais, conseguiram que os Paiter Suruí sejam hoje um dos povos indígenas brasileiros com melhores condições de vida, segundo a Organização Kanindé³. Nesse sentido, propõe-se neste artigo responder a seguinte questão: como os indígenas Paiter Suruí conseguiram estar na vanguarda da tecnologia e na luta ambiental? Para buscar essa informação, foram realizadas entrevistas com a comunidade Paiter Suruí no Território Indígena Sete de Setembro e nas redes sociais. Essas entrevistas, juntamente com a bibliografia sobre o tema, as notícias publicadas em diferentes mídias e as postagens realizadas pelos indígenas nas redes sociais (Blogs, Facebook e Twiter), foram as principais fontes de dados utilizadas nesta pesquisa. Considera-se a Internet, de forma geral, uma fonte importante para os historiadores do tempo presente.

Os Paiter Suruí são apresentados nesta pesquisa como sujeitos que, ao protegerem o seu habitat ancestral, protegem os interesses de todos os habitantes do planeta, o que significa que sua luta local tem afetações globais. Esse povo indígena da Amazônia tornou-se a ponta da lança na luta ambiental por meio do uso da tecnologia do século XXI, superando assim o velho preconceito que associa os indígenas com um povo atrasado. Nas palavras dos próprios Paiter Suruí: “não por utilizar computadores deixamos de ser indígenas, igual que vocês por usarem nossos colares não são indígenas”.

2. Movimentos sociais, indígenas e a Internet.

Nestes últimos anos, assistimos a inclusão da Internet na realidade dos movimentos sociais. Observa-se em vários países do mundo o acontecimento de revoltas populares contra os governos. Há autores que afirmam que o início dessas revoltas, conhecidas como “Primavera Árabe”, ocorreu no Saara Ocidental, em outubro de 2010, quando os

³A Associação de Defesa Etnoambiental Kanidé é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, sem fins lucrativos, fundada em 15 de novembro de 1992. Pode se ampliar informações em: <http://www.kaninde.org.br/> Acessado 2 Jul. 2013.

atóctones protestaram contra a ocupação marroquina. Outros autores acreditam que as revoltas começaram em dezembro de 2010, na Tunísia, onde o povo, cansando de tanta corrupção e de um governo pouco democrático, saiu às ruas para protestar. Aos poucos a revolta espalhou-se pelo norte da África e pela Península Arábica. Em janeiro de 2011, os egípcios começaram a mobilizar-se para derrocar o regime de Hosni Mubarak, um mês depois, conseguiram atingir esse objetivo e realizaram eleições livres para eleger um novo governo. Também em Janeiro de 2011, os protestos iniciaram-se na Líbia para derrubar o presidente, Muammar al-Gaddafi, o que acabou por eclodir uma guerra civil que destruiu um dos países mais próspero da África. Em Síria as manifestações também desembocaram em uma guerra civil que continua até nos dias atuais. Os protestos também se espalharam por: Argélia, Líbano, Jordânia, Mauritânia, Sudã, Iêmen, Djibuti, Barein, Somália, Kuwait, Iraque e Marrocos.

O espírito das revoltas decolou-se no mundo ocidental, porém com reivindicações diferentes. A crise econômica mundial e as políticas neoliberais aplicadas para salvar as economias dos países desenvolvidos, fizeram com que o povo toma-se a rua para protestar contra a destruição do Estado de Bem Estar Social. Em Grécia, Espanha, Portugal, Itália, França, Alemanha, Reino Unido, Bulgária, entre outros, aconteceram manifestações nesse sentido. O mais conhecido é o *Movimiento 15-M* ou *Movimiento de los indignados*, na Espanha. Inspirado no *15-M* surgiu nos Estados Unidos o *Movimento Occupy Wall Street*, que protestava contra o poder das grandes empresas e a evasão fiscal. Outras revoltas que surgiram durante estes últimos anos, porém menos conhecidas, foram: a mobilização dos estudantes no Chile, Colômbia, México e Porto Rico e a greve dos trabalhadores na China. Todas essas revoltas tem um denominador comum: a Internet, uma ferramenta que modernizou os protestos do século XX.

Os celulares equipados com câmeras, as redes sociais e Internet em geral, tem um rol muito importante nos protestos e manifestações acontecidos recentemente. No Egito, a Internet foi tão importante que o regime de Mubarak chegou a proibi-la. As ferramentas tecnológicas do século XXI representam uma mudança na forma de comunicação, reivindicações e articulação nos protestos. As causas dos protestos continuam sendo as mesmas: a miséria, a baixa qualidade da democracia, a repressão, a manipulação mediática, a corrupção, etc. Porém, a Internet tornou-se uma ferramenta capaz de

articular os protestos de uma forma rápida e espontânea. As câmeras integradas, hoje em dia, em praticamente todos os celulares representam uma arma nas mãos do povo, para lutar contra a manipulação mediática. Postando os vídeos e fotos na Internet, de forma instantânea, abre-se uma janela, diferente das mídias tradicionais, para observar os acontecimentos. Nestes últimos meses às revoltas populares sucederam-se na Turquia e chegaram ao Brasil. Ainda é muito cedo para analisar os protestos no Brasil. Por enquanto aprecia-se que o povo brasileiro saiu às ruas, inspirado nos acontecimentos dos outros países citados anteriormente, para protestar, inicialmente, contra o aumento das tarifas do transporte público. Em seguida, somaram-se outro tipo de reivindicações como, por exemplo: os altos gastos com os eventos esportivos mundiais, a corrupção, a educação e saúde públicas de baixa qualidade.

O movimento indígena não está longe dessa realidade. Segundo Castells (2003), anterior a esses protestos, na década de 1990, o Movimento Zapatista, no México, conseguiu um grande apoio internacional por meio da Internet. Conforme relatado por Tavares (2012), o *Ejército Zapatista de Liberación Nacional* (EZLN) popularizou-se no mesmo dia que entrava em vigor o Tratado de Livre Comércio da América do Norte, quando um grupo de indígenas armados ocuparam vários municípios de Chiapas. Observa-se que os povos originários da América, inseridos no EZLN, começaram a usar e entender a força da Internet já em 1994, mostrando a potencialidade da utilização das novas mídias como instrumento político de luta social pelas comunidades menos favorecidas e minorias étnicas.

No Brasil, as pesquisas de Eliete Pereira (2007) apontam que os primeiros indígenas brasileiros que começaram a utilizar a Internet a favor das suas causas o fizeram em 2001, através de *sites*, *blogs*, comunidades virtuais e portais. Em 2007, os indígenas atuavam em 37 Cibermeios. Em 2010, celebrou-se o “1º Simpósio Indígena sobre Usos da Internet no Brasil”⁴ onde representantes e lideranças indígenas do Brasil discutiram

⁴ O “1º Simpósio Indígena sobre Usos da Internet no Brasil” ocorreu na Universidade de São Paulo, nos dias 24, 25 e 26 de novembro de 2010. Participaram do encontro vinte e quatro convidados provenientes de dezesseis povos indígenas em treze estados. O encontro foi realizado pelo Núcleo de História Indígena e do Indigenismo (NHII-USP), dentro de suas atividades ligadas à Pesquisa Temática Redes Ameríndias, em parceria com o Laboratório de Imagem e Som em Antropologia (LISA-USP). Maiores informações, incluindo a integralidade dos debates, estão disponíveis em: <<http://www.usp.br/nhii/simposio/>>. Acessado em: 25-7-2013.

as suas respectivas experiências sobre a Internet nas suas comunidades. No simpósio, os Baniwa e os Yanomami mostraram sua preocupação com uma possível desorganização da vida da comunidade causada pelo uso da Internet nas aldeias. Entre os indígenas brasileiros, os projetos de inclusão digital são o foco de grandes polêmicas e discussões, porém seguem em frente (RENESSE, 2010). Segundo Kristy A. Belton (2010), os povos originários da América utilizam dois espaços no mundo globalizado para articular suas lutas e fazer ouvir a sua voz: o Ciberespaço e o Foro Permanente para as Questões Indígenas da ONU.

O povo Paiter Suruí, que também participou do “1º Simpósio Indígena sobre Usos da Internet no Brasil”, insere-se nesse contexto de uso da tecnologia. Antes de explorar esse tema, torna-se necessário conhecer a realidade histórica dos Paiter Suruí, que passou por três fases históricas bem demarcadas, conforme relatadas no próximo item. Na primeira, antes do contato, os indígenas mantinham uma estreita relação com a floresta. Na segunda fase, com o contato e invasões dos não indígenas, deixaram de preservar os recursos naturais do seu território e começaram a vender madeira ilegalmente para conseguir dinheiro. Na terceira e última fase, a partir dos anos 2.000, as novas lideranças compreenderam a importância de proteger a floresta e voltaram a ter uma forte relação com a natureza.

3. A história do povo Paiter Suruí.

O nome original dos Paiter Suruí, na língua nativa, é Paiter, que significa “O povo verdadeiro, nós mesmos”. O nome Suruí foi estabelecido pelos antropólogos responsáveis pelo primeiro contato. A linguagem empregada por eles é do grupo Tupi, da família linguística Mondé, que se ensina nas escolas do Território Indígena. A unidade de diversos povos que falam o Tupi Mondé traz consigo o projeto de estabelecer um corredor etnoambiental Tupi Mondé, com o propósito de conseguir maior visibilidade junto os órgãos oficiais. (COORDENAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES INDÍGENAS DA AMAZÔNIA BRASILEIRA, 2013).

Os Paiter Suruí estão organizados por clãs e cada clã está simbolizado por um elemento da natureza, fato que destaca a sua profunda relação com a floresta. O clã dos *Gabgir*

está simbolizado por um marimbondo amarelo, o clã *Gamep* por um marimbondo preto, o clã *Makór* é representados por uma Taquara e o clã dos *Kaban*, que foram originados pelo roubo de uma mulher Cinta Largo (etnia com a que compartilham a língua Tupí Mondé) é representado por uma frutinha vermelha (PARMSRN, 2010 *apud* SILVA, 2012). A história dos Paiter Suruí tem, portanto, uma ligação muito forte com a natureza, tanto antes do contato como nos dias atuais.

Para compreender a história do povo Paiter Suruí antes do contato, os pesquisadores utilizam o universo mítico tradicional, contado de pais para filhos em forma de histórias, contos e canções. O mito do começo do mundo, preservado pelos mais velhos e recopilado pela antropóloga Betty Mindlin, diz:

Os primeiros seres nasceram de si mesmos- do nada. Brotaram. Ou brotaram do inhamé *gopodjoga*, ou brotaram como o inhamé brota da terra. É verdade que não existia nada, mas surgiu um pedaço de terra, para os primeiros seres brotarem. Ninguém fez esse pedaço de terra- apareceu. (1996, p.107)

A forte ligação com a natureza reflete-se também no mito da criação dos primeiros homens. Para os Paiter Suruí, o homem surgiu de uma planta da floresta, como se tivessem brotado da terra. Já o mito da origem das mulheres relata um fato singular, que faz entender o valor atribuído às árvores dentro dessa etnia. Segundo esse mito, as duas primeiras mulheres nasceram numa cabaça e eram filhas de *Ibeab*, um homem sozinho no mundo que copulou com um oco de árvore (MINDLIN, 2006).

Antes do primeiro contato oficial ocorrido em 1969, os Paiter Suruí já sabiam da existência dos "brancos". No fim do século XIX, perseguidos pelos não indígenas, tiveram que fugir do seu território e lutar com outros grupos indígenas para conseguir novas terras onde morar. Já nos primeiros anos do século XX, a história oral dos indígenas, através de cantos e relatos sobre o herói *Waiói*, mostrava o mundo dos não indígenas para os Paiter Suruí. *Waiói* era um personagem que já havia convivido com as "pessoas que tinham panelas, facas metálicas, armas de chumbo e que comiam arroz e feijão". A migração dos "comedores de arroz e feijão" foi intensificada através da expansão agrícola e com o sustento ideológico do falso mito do vazio amazônico (ROMERO, 2012).

Como tantos outros povos indígenas da Amazônia, os Paiter Suruí viviam, e em menor medida ainda vivem, da caça, coleta e dos seus modestos hortos itinerantes. Para plantar mandioca, milho e outros produtos da sua alimentação, os indígenas abrem uma pequena clareira derrubando algumas árvores, e depois de colher os alimentos deixam que a floresta reconquiste a clareira. Assim consideram que com esta prática causam um reduzido impacto ambiental, já que a natureza se autorregenera de forma natural. A cosmologia dos Paiter Suruí está intimamente atada à natureza, como mostra uma das velhas regras sociais dos clãs, a divisão em duas metades: mato/aldeia, arte/casa e caça e roça.

O primeiro contato oficial com o povo Paiter Suruí foi realizado em 1969, pelo sertanista da FUNAI, Francisco Meirelles. Devido ao contato, houve uma epidemia de sarampo que fez reduzir a população, de uns 4.000 indivíduos a 600 em 1974 (PESSOA, 2004). Por causa da epidemia os indígenas abandonaram suas malocas tradicionais e se instalaram em casas de madeira proporcionadas pela FUNAI, perto do posto de saúde para conseguirem assistência médica. A partir desse momento, passaram a ser sedentários. Os impactos sofridos pelo contato com a sociedade não indígena, no período de 1982 à 1987, foi resultado da grande imigração atraída pelo Polonoroeste (Programa Integrado de Desenvolvimento do Noroeste do Brasil), financiado parcialmente pelo Banco Mundial e que tinha como uma das obras principais asfaltar a estrada Cuaiabá- Porto Velho. Tal programa fez com que os indígenas perdessem quase a metade do seu território, o qual passaria para as mãos de empresas extrativistas e colonos, que seguiram invadindo até fundarem pequenas fazendas (ROMERO, 2012). Estes foram anos de lutas contra os invasores e para conseguir o reconhecimento da Terra indígena Sete de Setembro.

As décadas seguintes ao primeiro contato provocaram profundas alterações na vida dos Paiter Suruí, que se viram afetadas na sua cultura, modo de vida, religião e língua. A proximidade da BR 364 com o Território Indígena permitiu que o capitalismo e a cultura brasileira entrassem com muita força nas vidas dos Paiter Suruí. Aos poucos foram abandonando as velhas tradições da sua cultura e incorporando elementos exteriores. Os pajés deixaram de ter importância na sociedade, já que missionários evangélicos conseguiram converter a maioria dos indígenas à religião evangélica,

fazendo com que abandonassem progressivamente a suas crenças ancestrais. A língua portuguesa entrou na vida dos Paiter Suruí através da televisão e das escolas, facilitando a interlocução com a sociedade não indígena. O modo de vida desses indígenas alterou-se significativamente, pois gradualmente as atividades de caça e coleta foram substituídas pelas compras no supermercado. Ao expulsarem os invasores do seu território, os Paiter Suruí continuaram produzindo nas fazendas abandonadas pelos colonos, isso ajudou a ter uma fonte de renda monetária, e também durante muito tempo venderam ilegalmente a madeira a baixos preços. Na atualidade os indígenas produzem, entre outros: castanha, café e gado.

Atualmente os 1.241 indígenas Paiter Suruí vivem na Terra Indígena Sete de Setembro, localizada entre os estados de Rondônia e Mato Grosso. Em Rondônia, situa-se nos terminos municipais de Cacoal, Ministro Andreazza e Espigão D'Oeste. Já no Mato Grosso, no município de Rondolândia, onde alberga 9,5% dos indígenas. A extensão do Território Indígena é de 248.146,921 hectares e a maioria da população (84,93%) concentra-se no município de Cacoal. Todos esses dados fazem referência ao território onde moram atualmente os Paiter Suruí, porém cabe destacar que a terra ancestral dessa etnia estava situada na região de Cuiabá, de onde foram expulsos pela pressão colonizadora. A maior parte do território atual fica próximo à rodovia BR 364, que une Cuiabá a Porto Velho, o que facilita o acesso à Terra Indígena Sete de Setembro. No mapa, a seguir, pode-se apreciar como o Território dos Paiter Suruí representa um oásis verde no meio do desmatamento sofrido nos últimos anos em Rondônia e Mato Grosso.



Figura 1: Terra Indígena Sete de Setembro.
Fonte: Google maps (acessado em 18 de Junho 2013).

Após quase serem extintos durante o primeiro contato, a população indígena Paiter Suruí vem crescendo significativamente nas últimas décadas. Os dados demográficos podem ser apreciados no Plano de Ação Participativo para o Desenvolvimento de uma Economia Racional e de Manejo Sustentável dos Recursos Naturais (PARMSRN), elaborado em 2010, para a Terra Indígena Sete de Setembro, pela Associação do Povo Suruí *Metareilá*, em parceria com as ONG's: *Forest Trend*, *Kanindé*, *ACT Brasil* e *Acqua Verde*. Segundo esse Plano, a população Paiter Suruí era de 250 indivíduos em 1975, aumentando para 840 no ano 2000 e chegando a 1.241 em 2011. O auxílio a saúde, a partir de 1988, impulsionado por associações locais e com financiamento de agências internacionais, juntamente com a atuação da FUNASA/CASAI⁵ na capacitação dos agentes de saúde indígenas, possivelmente contribuiu para a recuperação populacional dos Paiter Suruí (SILVA, 2012). Ao analisar os dados de 2011 referentes à população Paiter Suruí por faixas etárias, pode-se observar que a maioria dos indígenas são crianças de 0 a 12 anos, que corresponde a 550 crianças. Nas faixas etárias entre 13-19, 20-29 e 30-59 o número

⁵ As siglas FUNASA significam Fundação Nacional de Saúde, e as siglas CASAI: Casa de Apoio à Saúde do Índio.

da população é praticamente igual, aproximadamente 250 indivíduos em cada faixa. Agrupados por sexos, havia, em 2011, 694 mulheres e 647 homens.

Portanto, os Paiter Suruí inseriram-se na sociedade brasileira de uma forma traumática. Passaram de ter uma visão mítica da floresta, como lugar quase sagrado, a vender madeira ilegalmente como fonte de renda. No entanto, as atuais lideranças compreenderam que deveriam resgatar o respeito que tinham pela floresta, preservando os recursos naturais e defendendo a causa ambientalista. O uso de tecnologias resulta importante na luta do povo Paiter Suruí para defender o seu habitat e a sua cultura, além de inserir-lhes num mundo globalizado e ter a possibilidade de divulgar essa luta.

4. O povo Paiter Suruí e a Internet.

Os indígenas Paiter Suruí tem uma forte relação com a tecnologia do século XXI, que lhes ajuda nas suas reivindicações e lutas. Essa relação auxilia os indígenas a inserirem-se na sociedade brasileira e no mundo globalizado de forma menos traumática, além de permitir aos jovens indígenas que conheçam sua própria cultura e sintam-se orgulhosos dela.

A primeira parceria tecnológica que os Paiter Suruí realizaram foi com o gigante tecnológico Google. Mediante o Google Earth foi possível definir os limites da Terra Indígena Sete de Setembro cartograficamente. Além disso, os mapas permitiram uma identificação das áreas devastadas da Amazônia, o que permite, por sua vez, observar as invasões no seu próprio Território. Dessa forma, os Paiter Suruí usam o Google Earth como uma ferramenta de proteção ambiental e de prevenção contra as invasões das madeiras, posseiros e de todo tipo de ameaças. O discurso proferido pelo chefe Almir Narayamonga Suruí, em várias partes do mundo, chama a atenção para a ameaça do aquecimento global e afirma que, partindo de um meio de comunicação como Internet, os povos indígenas esperam contribuir para manter a “floresta em pé”, trazendo assim qualidade de vida e benefícios não só para quem vive na floresta como também para toda a humanidade. Assim, por meio das palavras do líder maior dos Paiter Suruí, pode-se constatar a importância atribuída a utilização da tecnologia por parte dos indígenas numa luta com interesses globais. Como afirma o professor catalão Joan Subirats

(2011), há anos se reconhece que os instrumentos de comunicação e informação modificam significativamente as pautas de confrontação da opinião pública e os processos de construção de legitimidade política. Os Paiter Suruí sabem disso e usam a tecnologia para legitimar a sua política ambientalista e alterar a opinião pública.

Outro interessante projeto realizado em parceria com Google é a criação do mapa cultural Suruí,⁶ disponível no site paiter.org, com a finalidade de preservar a cultura Paiter Suruí. No mapa está indicado o lugar do primeiro contato, os locais de caça e pesca, lugares onde aconteceram as guerras, entre outros fatos importantes que marcaram a cultura Paiter Suruí. Tecnologias como o GPS são usadas pelos indígenas para defender o seu território do desmatamento⁷. Após o treinamento, os indígenas são divididos em grupos, que passam até cinco dias na floresta observando qualquer movimentação estranha ou invasão. Com a ajuda do GPS enviam os dados do posicionamento dos invasores para a FUNAI e para a Polícia Federal, para que efetuem a detenção dos madeireiros ilegais. Mediante a Associação Metairelá⁸, criada pelos próprios indígenas Paiter Suruí, impulsionou-se o projeto de educação indígena Ponto de Cultura Maloca Digital⁹. O objetivo desse projeto é fortalecer a autonomia e educação dos próprios indígenas. Em desenvolvimento desde 2010, no distrito de Riozinho, nesse Ponto de Cultura se realizam as aulas de Linux, Multimídia, fotografia e vídeo para jovens indígenas. Para Almir Suruí, a finalidade desse projeto é “levar as tecnologias da informação e da comunicação para as aldeias indígenas, preparando os jovens indígenas para contribuir na preservação da cultura e biodiversidade, para melhorar o intercâmbio entre todos os povos” (PONTO DE CULTURA MALOCA DIGITAL, 2012). Exatamente o que estão fazendo os Paiter Suruí é aproveitar às tecnologias da informação para que o mundo conheça a sua cultura e, ao mesmo tempo,

⁶ Pode-se visualizar o mapa cultural Suruí em: <http://www.paiter.org/mapa/> Acessado em: 11 jul. 2012.

⁷ Notícia na Jornal de Globo (Brasil). <http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2012/06/indios-suruis-usam-tecnologia-para-defender-terra-do-desmatamento.html> Acessado em: 11 jul. 2012.

⁸ Pode se ampliar informações sobre a Associação Metairelá em: <http://www.surui.org/> Acessado em: 11 jul. 2012.

⁹ Em outubro de 2007 foi lançado pelo Governo Federal o Projeto “Mais Cultura”, um convenio entre o governo e a sociedade para estimular iniciativas e projetos culturais. Os Pontos de Cultura são oferecidos no “Mais Cultura” e recebem uma verba para a continuidade das atividades artístico-culturais. O projeto Ponto de Cultura Maloca Digital forma parte de essa iniciativa. Mais informações sobre o Ponto de Cultura Maloca Digital em: <http://pcmalocadigital.blogspot.com.br/> Acessado em: 11 jul. 2013.

utilizar essas tecnologias em favor dos seus objetivos políticos e preservação da Amazônia (ROMERO, 2012). Com a aproximação das distâncias, através da sociedade atual, que está conectada em rede em escala global, reordena-se o tempo e o espaço, para gerar novos processos que transformam a sociedade. Alguns chamam de globalização, já que graças às tecnologias da informação, esse processo abre canais de comunicação e atravessa fronteiras, modificando culturas e identidades, gerando novas formas de democracia e de participação (CASTELLS, 2006).

O “Plano de Gestão 50 anos do Povo Paiter Suruí” tem como objetivo aumentar a renda dos indígenas e o nível educativo, além de preservar a floresta e a sua cultura. O projeto de Carbono Florestal Suruí, que faz parte do Plano, foi validado em 2012¹⁰ sob o Padrão de Carbono Verificado (VCS) e o Padrão Ouro de Clima, Comunidade e Biodiversidade (CCB), que são os principais padrões para creditar projetos que visam reduzir as emissões de gases do efeito estufa do desmatamento e degradação florestal, um conceito conhecido como REDD. A iniciativa dos indígenas evitou que quase 205 mil toneladas de dióxido de carbono fossem emitidas na atmosfera pelo desmatamento entre 2009 e 2011. Anos e anos de luta contra as invasões de fazendeiros e madeireiros ilegais deram finalmente os seus frutos. Porém, a ameaça do desmatamento ainda continua¹¹ e o chefe Almir Suruí vem sofrendo constantes ameaças de morte por causa da sua postura ambientalista. Todos esses projetos realizados pelos Paiter Suruí abrem uma porta para que outras etnias amazônicas possam gerar renda com a preservação ambiental do seu habitat ancestral.

6. Conclusão

Os Paiter Suruí se apropriaram da tecnologia do século XXI para realizar um projeto político de longo prazo, que lhes ajuda a sustentar-se economicamente, melhorar a educação, proteger a floresta e a sua cultura ancestral. A aliança entre os Paiter Suruí e

¹⁰ Pode-se ampliar informações sobre a Associação Metairelá em: <http://www.surui.org/> Acessado em: 11 jul. 2013.

¹¹ Pode-se ampliar informações no site do Grupo de Trabalho Amazônico, disponível em: <http://www.gta.org.br/newspost/povo-paiter-suru-conclui-o-processo-de-validacao-do-projeto-carbono-> Acessado em: 23 mar. 2013.

os ambientalistas na defesa da floresta amazônica indica que os indígenas tem se inserido numa luta global, e mediante as tecnologias do século XXI visibilizam os seus objetivos, as suas preocupações e reivindicações. Por sua vez, a Internet abriu uma janela para o mundo, onde os indígenas podem observar as distintas realidades e acontecimentos do tempo presente. Com a inserção na sociedade brasileira e na sociedade globalizada, muitos Paiter Suruí sentem-se orgulhosos de ser indígenas e de lutar pela defesa do meio ambiente.

Os Paiter Suruí conseguiram estar na vanguarda da tecnologia e da luta ambiental mediante as alianças com distintas ONG's, instituições ambientalistas e empresas tecnológicas, que ajudaram a focalizar o presente e o futuro do povo Paiter Suruí. Num contexto histórico, de protestos globais articulados via Internet, grandes mudanças ocorreram em alguns países. Os indígenas se adaptaram muito bem a esse contexto e souberam trazer as vantagens tecnológicas e a luta ambiental para o benefício de todo o seu povo e, por consequência, de todo o planeta.

7. Referências

BELTON, K. A. *From Cyberspace to Offline Communities: Indigenous Peoples and Global Connectivity*. Alternatives, University of Connecticut, v.35, p.193-215, 2010.

CASTELLS, M. *A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTELLS, M. *La sociedad red: una visión global*. Madrid: Alianza Editorial, 2006.

COORDENAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES INDÍGENAS DA AMAZÔNIA BRASILEIRA, Corredor Tupí Mondé movimento indígena se articula na região. Manaus, 4 jul. 2011. Disponível em:

<http://www.coiab.com.br/coiab.php?dest=show&back=noticia&id=741&tipo=N&pagina=4> Acessado em: 11 jul. 2012.

MINDLIN, B. *Vozes da origem*. São Paulo: Editora Ática S.A., 1996.

PEREIRA, E S. *Ciborgues indígen@s. br: a presença nativa no ciberespaço*. Dissertação (Mestrado Estudos comparados sobre as Américas) Universidade de Brasília. 2007.

PESSOA, M. S. *O esboço Histórico-Etnográfico-Linguístico de um povo indígena*. A Cor das Letras, Universidade Estadual Feira de Santana -BA, v. 05/200, n.1, p. 122-135, 2005.

PONTO DE CULTURA MALOCA DIGITAL. Blog criado pelos responsáveis do Ponto de Cultura Maloca Digital. Riozinho. Disponível em: http://pcmalocadigital.blogspot.com.br/2010_10_01_archive.html Acessado em: 11 jul. 2012.

RENESSE, N. *O que pensam os índios sobre a presença da internet em suas comunidades?*. São Paulo: Universidade São Paulo. 2010

ROMERO, Z. M. A luta do povo indígena Suruí-Paiter com as ferramentas tecnológicas do século XXI. In. XXI ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA: TRABALHO, CULTURA E MEMÓRIA. 2012, Campinas. *Anais do XXI Encontro Estadual de História*. São Paulo: ANPUH-SP, 2012.

SILVA, N. T. C. *A interface entre desenvolvimento na Amazônia e as comunidades indígenas: uma análise dos diferentes processos vivenciados pelos Suruí*. 2012. 166 f. Dissertação (Mestrado Extensão Rural) - Universidade Federal de Viçosa. 2012.

SUBIRATS, J. *Otra sociedad ; Otra política?*. Barcelona: Icaria editorial, S.A., 2011.

TAVARES, J. B. *Ciber-informações indígenas no Brasil: um mapeamento e análise da comunicação de povos indígenas brasileiros na internet a partir das potencialidades das novas mídias e do aporte da comunicação comunitária*. Vozes & diálogo, Universidade Federal Santa Catarina, Itajaí, v. 11, n.1, p. 82-93, 2012.